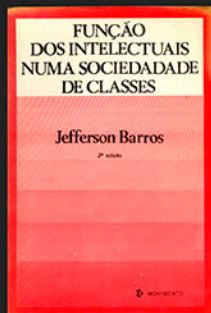


JEFFERSON BARROS, 70 ANOS



Entre as efemérides que precisam ser celebradas, neste ano de 2012, que vai encerrando sua trajetória, uma é a dos setenta anos de JEFFERSON BARROS. Conheci JEFFERSON em 1962. Eram tempos de aceleração do processo histórico, de muita politização, muito aprofundamento cultural, muita esperança e muita ação. JEFFERSON ainda não tinha vinte anos e nós o respeitávamos como um intelectual consumado. E assumia bem o tipo do intelectual. Quem não se lembra dele, grave, de fatiada e gravata, de óculos e com um jornal do Rio ou de São Paulo em baixo do braço e fumando? Nessa época JEFFERSON também era crítico de cinema e dava o testemunho de sua visão de mundo em aulas e palestras sobre filosofia e política.

Rosa Maria Bueno Fischer o define bem na apresentação que faz de seu consagrado ensaio *Função dos Intelectuais numa Sociedade de Classes*:

"Jefferson Barros é antes de tudo um pensador. Um pensador inquieto e indagador do cotidiano. É o intelectual de que nos fala Gramsci, quando diz que 'todos os homens são intelectuais' nele o exercício da racionalidade, a percepção estética e a ação política se realizam globalmente, ou todos os dias".

JEFFERSON BARROS nasceu em Santiago em 13 de setembro de 1942 e faleceu em Porto Alegre quando dele muito ainda se esperava. É melhor dizer que JEFFERSON não morreu e usar um truismo devido a Guimarães Rosa: ele ficou encantado...



Miguel Frederico do Espírito Santo

Filho e neto de ferroviários, Jefferson Barros é gaúcho de Santiago. Jornalista, com quase 40 anos de atividade, sua primeira função num jornal foi de crítico de cinema, desde 1961, no *Diário de Notícias* e, um ano depois, no *Correio do Povo*, ambos de Porto Alegre. Nos jornais da antiga Caldas Júnior, escreveu sobre cinema, por mais de 15 anos, inclusive com uma coluna diária na *Folha da Manhã*, entre 1969 e 1972. Neste ano, foi para a revista *Veja*, em São Paulo, como crítico e editor de cinema e teatro.

Não só como crítico de cinema, Jefferson trabalhou nos grandes jornais de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. Na *Folha da Manhã* de Porto Alegre editou cultura e as páginas internacionais. Foi editor político da *Última Hora* carioca (1978) e, logo, de economia do *Jornal do Brasil*, do qual também foi repórter especial. Em 1981, foi convidado para trabalhar na Rede Globo de Televisão, onde foi editor-chefe do *Jornal da Globo* e do *Jornal Nacional*. As últimas participações de Jefferson na grande imprensa fora do Rio Grande do Sul foram como colonista de "Na Hora H", da *Última Hora* do Rio, e como editor de cultura da sucursal carioca de *O Estado de São Paulo*, entre 1988-90.

Neste tempo, foi também crítico dominical de televisão naquele jornal.

Em 1976, em Ijuí, RS, Jefferson Barros fundou o jornal *Semanário de Informação Política* - mais conhecido por *Informação* - ligado à oposição à ditadura militar. Nesta época, era articulista do jornal *Opinião* e, logo depois, ativo participante do jornal *Movimento*, do qual foi um dos fundadores, em 1975, e com o qual teve permanente colaboração jornalística, inclusive como diretor da sucursal do Rio de Janeiro, enquanto circulou aquele órgão de resistência democrática, até 1981.

Golpe Mata Jornal (As 1.270 aguerridas edições da Última Hora gaúcha), publicado por JÁ Editores, é o sexto livro lançado pelo autor. Antes, Jefferson publicou: *Função dos Intelectuais numa Sociedade de Classes*, ensaio marxista (Editora Movimento, 1977), em 3ª edição; *Oficial da Noite*, romance (*Civilização Brasileira*, 1979), esgotado; *Caleidoscópio Eletrônico (Ensaio crítico sobre a televisão brasileira)*, (Taurus-Timbre, 1989), esgotado; *No Tempo das Diligências*, sonetos (edição do autor, 1992), esgotado; e *Plebiscito da Verdade*, ensaio sobre a dívida externa e a globalização dependente da economia brasileira (Instituto Lila Ripoll, 1993).

(Da aba de GOLPE MATA JORNAL)



Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

Jefferson Barros: um talento (des)regrado

Publicado no site em 10/01/2013

J. H. Dacanal

Foi há quase trinta anos, em 1966, em Passo Fundo, que li Jefferson Barros pela primeira vez, com seus longos e não raro impenetráveis artigos sobre *westerns* no antigo *Correio do Povo*. Não tinha a menor ideia de quem fosse mas, impressionado com seu estilo, que parecia apresentar um brilho e um vigor inversamente proporcionais à importância do tema abordado, falei dele a um conhecido e culto advogado local, o professor Carlos Galvez. E ele me respondeu: "Leia outras coisas. Não leve tão a sério os críticos de cinema".

Por artes do destino, nem um ano depois estava eu escrevendo críticas de cinema no *Correio do Povo*, além de ser redator do mesmo. E ali conheci aquele rapazinho tímido de Santa Maria, escondido atrás de uns óculos de lentes grossas, autodidata brilhante, com uma inteligência tão alta quanto sua insaciável curiosidade, tanto literária quanto cinematográfica.

Treinado e escolado nas velhas estruturas eclesásticas e ao mesmo tempo capaz de vê-las de fora como um sistema de poder, percebi instintivamente que Jefferson Barros era o que se poderia chamar de génio precoce e, principalmente, des-regrado (com hífen mesmo!). Por reação natural e automática, mantive dele sempre razoável, se bem que respeitosa, distância. Se havia algo de que eu fugia era da desordem, fosse de que tipo fosse. . .

Mas o tempo passou, eu fiquei por aqui e ele andou pelo Brasil. Sempre o segui, de longe, mas nunca chegara a produzir nada digno de uma das maiores inteligências que conheci. Eis senão quando, num bar de esquina, o reencontro, brandindo nas mãos um livro de poesia. Pior do que isto, um livro de sonetos... Seu título? Claro, só podia ser *No tempo das diligências!*

Li seus poemas. Finalmente, Jefferson Barros produziu algo compatível com seu talento. Sem qualquer dúvida, de seus vinte sonetos pelo menos meia dúzia deles podem figurar ao lado das grandes produções líricas da língua portuguesa. Entre eles há alguns de excepcional beleza e profundidade, como aqueles dedicados a Homero, Nausicaa, Newton e Richard Burton. Além de um impressionante e definitivo autorretrato (Soneto de Jefferson).

Sim, como eu tinha percebido instintivamente, Jefferson Barros é um génio des-regrado, mas em tal altura que se vê obrigado a escolher a rígida e esteticamente arcaica moldura do soneto para expressar-se em sua busca de racionalidade. E só agora percebo que sua paixão pelo *western* nascia de sua identidade com o pistoleiro solitário, sem regras e sem *etos* a não ser a lei de estar sempre em guarda contra os perigos que o espreitavam a cada esquina no cenário do mundo. Para sobreviver, fazendo da inteligência e da razão as companheiras inseparáveis da solidão e da timidez. Meu caminho era outro. Tímido talvez, mas não solitário e muito menos sem *etos*. Afinal, quase dois mil anos de poder da Igreja serviram para alguma coisa. . . Seja como for, a racionalidade, ou a busca dela, é que nos marcou.

Grande Jefferson Barros! Quem diria que seriam seus sonetos tão regrados e geniais! Eis aí seu autorretrato, que nada tem a ver comigo (exceto no primeiro quarteto!), mas que é de extraordinária beleza e profundidade:

*Diligencia, meu querido, com denodo, tua vida.
Descobre que o desejo de clareza é teu pecado
E ostentar, com insolência, alma tão metida
Para a qual o grande amor é apenas um recado.*

*Se o mar sobrevive na obscuridade e na tormenta
Imita-o no livre carinho de seu beijar a praia.
Não busques na amada horror que te atormenta,
Para nela encontrares só alegria e tua alfaia.*

*Guardas da infância pobre, míope e solitária
A soberana indiferença pelo mundo que te cerca
Mesmo quando alegas defender a luta proletária.*

*Todo o thalássico amor que navega em teu peito,
Tua obstinação o desbussula até que ele se perca.
Só para a tua própria dor; esse é o teu jeito.*

setembro/92

O capitalismo de "O Capital" e o Socialismo de "Que Fazer?" ou não procure a estratégia do proletariado no livro de Marx.

Publicado no site em 10/01/2013

Jefferson Barros
Jornalista

Definir uma estratégia é definir a História, com suas raízes (passado), folhas (manifestações presentes) e fruto com semente (projeto). A evolução, degenerescência, crise e colapso do modo de produção capitalista evidenciam cada vez mais os acertos científicos de Marx em sua análise estrutural em "O Capital" e de Lênin, em "Que Fazer?", no qual define os mecanismos políticos e sociais para a superação histórica do capitalismo e passagem para a nova sociedade sem classes e sem exploradores através da longa transição socialista.

As alterações tecnológicas da produção (passagem da Física Newtoniana para a Física quântica) intensificaram o caráter abstrato do trabalho social, fonte de valor no MPC (modo de produção capitalista), fazendo com que a soei idade burguesa apareça realmente, como viu Marx na primeira frase de seu famoso livro, apenas como "um arsenal de mercadorias". Sem dúvida estas alterações infraestruturais - como as superestruturais colocadas pela luta ideológica e política do imperialismo contra o Marxismo e o Socialismo real - aboliram a "classe operária" conforme ele se manifesta nos séculos XIX e início do XX. Cada vez menos se produz mercadorias em unidades fabris de produção e cada vez mais o conjunto dos trabalhadores aparece integrado por "indivíduos isolados", sem liames sociológicos (muitas vezes geográficos), sem consciência comum e, sobretudo, sem vontade política organizada, o Partido. A realidade do MPC é cada vez mais a radical oposição insolúvel entre cada vez menos donatários do capital (burguesia) e cada vez mais desapropriados de tudo, inclusive de suas reais condições humanas (proletariado).

A universalização da mercadoria - expressa por uma etapa do MPC na qual a única mercadoria "produtiva" é o dinheiro - universaliza a situação proletária como a condição essencial do homem. Concretamente isto leva a intensificação da contradição fundamental do MPC: a oposição entre mercadoria e condição humana. A plena e mundial realização deste destino do capitalismo, previsto com exatidão científica por Marx em "O Capital", recoloca na História a necessidade de uma releitura científica e revolucionária dos primeiros textos de Marx, os "Manuscritos Económicos e Filosóficos", de 1844.

Esta contradição fundamental toma dois formatos numa só expressão e conteúdo: a privatização do homem. Partimos de uma das mais decisivas descobertas científicas de Marx: "a essência humana é o conjunto de suas relações sociais". Ao intensificar a abstração social do trabalho - e o chamado desenvolvimento capitalista se reduza esta intensificação, atualmente, com a física quântica, com base tecnológica adequadíssima - o MPC expropria o ho-mem-produtor (donatário da força de trabalho) de todas as suas relações sociais reais, inclusive com a mercadoria produzida, e dissolve estas relações alienadas ou retificadas em forma de mercadorias no consumo. O capitalismo expropria o homem seu caráter humano (produtor) para devolvê-lo de forma alienada como consumidor de mercadorias. Então toda a satisfação humana (a insatisfação) toma a forma de mercadoria. O homem ele próprio, cuja existência no MPC se reduz a forma mercadoria (força de trabalho), como demonstra Marx em seu precioso texto "Trabalho Assalariado e Capital", não se percebe como mercadoria (pois perceber é o primeiro passo para a consciência e a superação desta situação, a manifestação do sujeito) porque se percebe mistificadamente apenas como consumidor de mercadorias. Todas as cantilações das aparências ideológicas da burguesia visam justamente a ocultar esta autofagia humana.

A contradição mercadoria/homem se expressa concretamente na alienação mercadoria do homem, ente privado. A radical privação (privatização) do homem é a expropriação de seu corpo como produtor, centro de emoções e razão, fontes de suas relações reais. Ao ser expropriado de suas relações sociais reais, o homem é expropriado de sua essência humana. Ter relações sociais reais é estabelecer entre si um projeto comum. A ciência antropológica demonstra que o simio ancestral viveu e evoluiu por desenvolver com a racionalidade que lhe era acessível um projeto social comum. Neste sentido, o homem está submetido sob o MPC a um estágio de vida inferior ao do simio ancestral.

Nesta perspectiva se precisa pensar a estratégia da revolução proletária (humana). Se a pretensão for desenvolver as forças produtivas, na linha proposta pelo XX Congresso do PCUS em 1956, então teremos a mais reacionária contra-revolução da História, como a evolução da própria URSS desde então comprovou. Mas a famosa contradição fundamental, a que opõe o desenvolvimento das forças produtivas às relações de produção não continua válida? Responder corretamente a esta pergunta - e corretamente é fazendo ciência e filosofia - é responder sobre toda a inventada "crise do marxismo". A resposta está dada por Marx desde 1853 em seu famoso "Prefácio". A contradição fundamental existe e, o que é tão importante quanto existir, se revela devido às "condições reais de existência dos indivíduos". Como prevendo toda a metafísica reacionária, economicista e revisionista que seria levantada pelos inimigos do proletariado, Marx acrescenta que Engels, "ao descrever 'A situação da Classe Operária na Inglaterra' chega às mesmas

conclusões". Impossível maior clareza: a contradição insolúvel do MPC existe e se revela através das condições reais de existência dos indivíduos produtores de mercadorias. Aqui o outro lado da contradição, também oculto e mistificado pela ideologia burguesa.

Pode-se dizer n coisas da mercadoria, a principal delas é que ela é mercadoria, valor de troca. Mas a base real da mercadoria, a que explica a sua existência não é a sua existência. Os ideólogos, sobretudo os economistas, burgueses e revisionistas analisam a coisa assim: a mercadoria existe, sempre existiu, sempre existirá. É o que se pode chamar de asseidade da mercadoria. Ora, a asseidade é uma categoria teológica e atributo exclusivo a Deus. Só ele existe porque existe. O pensamento burguês e revisionista tem este misticismo diante da mercadoria: existe porque existe. Mas a base concreta de explicação racional e científica da mercadoria é que ela é produzida. Quem produz a mercadoria ? As forças produtivas. Ora no MPC a força de trabalho (trabalho vivo ou morto) é mercadoria. Por sua vez o trabalho morto (tecnologia) aparece apenas como mercadoria, a forma mais concreta da abstração do trabalho. Na verdade, com isso a burguesia instaurou a sua "revolução-restauração": as forças produtivas se alteram sem alterar as relações de produção, portanto, mantendo o modo capitalista. No entanto, a força produtiva fundamental permanece a mesma - idêntica a si própria como o era nos séculos XVIII e XIX: o homem desprovido de tudo, menos de sua força de trabalho, seu corpo.

Neste 120 anos, o desenvolvimento do capitalismo seguiu com perfeição as deserções e previsões de Marx em "O Capital". Pode-se afirmar que o capitalismo é "O Capital", o que não é "O Capital" é o Socialismo. O Socialismo é "O que Fazer?" de Lênin e todas as suas consequências. Gramsci, quando saudou a vitória da Revolução Proletária na Rússia, em Novembro de 17, saudou com um artigo intitulado: "A Revolução contra O Capital". Assim mesmo, com artigo e com maiúsculas, pois se trata do título de um livro. Profético este Gramsci; não, científico.

Todo o esforço ideológico burguês, desde a publicação de "O Capital" tem sido o de esterilizar o marxismo, transformando a revolução socialista em "desenvolvimento das forças produtivas". Este foi o argumento explícito do revisionismo explícito de Bernstein; o argumento implícito do revisionismo implícito de Kautsky e do revisionismo "revolucionário" da Rosa Luxemburgo.

Falávamos da estratégia. E esta passa pela contradição fundamental "entre as forças produtivas e as relações de produção". Ora, as forças produtivas enquanto mercadoria não são forças produtivas são relações de produção (isto não é nem o primeiro capítulo de 'O Capital', é seu primeiro parágrafo). Então é preciso que as forças produtivas não sejam mercadoria (isto é, não apareçam na História exclusivamente como mercadoria) para explicar a contradição; é a transformação do 'conjunto inerte' em 'conjunto prático'. Para que isso aconteça é preciso a "consciência de classe" operária, a classe "herdeira da filosofia clássica alemã". Não é gratuito que "Que Fazer?" tenha sido um livro escrito contra o revisionismo; nem que os Partidos anti-Kruschev pós-56 tenham se identificado como "marxistas-leninistas". Podem ter sido até toscos em suas formulações ideológicas e políticas. Não importa. Não importa a tosquidão; não importa nem mesmo as razões de existência destes partidos, em muitos casos burocráticas e até mesmo administrativas. Isso tudo não importa. Na realidade são exegeses históricas que só interessam ao imperialismo a à sobrevivência do capitalismo. O que importa é a teimosia histórica da existência destes Partidos com esta identidade: marxista-leninista. É uma redundância: não existe marxismo fora do leninismo. Hoje até sugeriria que, até por economia de palavras, se mudasse esta histórica identidade; ficando exclusivamente, Partido Leninista. O Marxismo está introjetado neste conceito e não existe fora dele. Então, a questão estratégica por excelência é a da consciência de classe, da vontade política organizada, do Partido. O proletariado do "Capital" é mercadoria, conjunto inerte), mas não o proletariado do "Manifesto" (conjunto prático). O proletariado de "O Capital" é produzido pela burguesia, pelo MPC. O proletariado do "Manifesto" é auto-constituído por:

1. sua lutas espontâneas contra o capital, contradição insuperável que está na estrutura em si do MPC, conjunto inerte;
2. pela transformação da luta espontânea (económica) em luta organizada (política);
3. pela descoberta, através destas lutas, (económica + política), do carácter de classe do Estado;
4. pela vontade política de abolir este Estado e construir outro, um Estado Operário;
5. pela conciencia de classe, conjunto prático, produzidas pelas lutas de classes (itens anteriores) e a descoberta confluência destas lutas com a evolução científica e filosófica do pensamento humano.

O proletariado produzido pelo MPC existe sempre, pelo menos desde que exista e enquanto existir MPC; o proletariado auto-construído precisa-se reconstruir em cada momento da História. Foi assim nas vitoriosas jornadas cartistas de 1830 até a derrota de junho de 1848; repetiu-se nas jornadas da Comuna de 1871; e ainda foi preciso reconstruir-se de 1902 até 1917/1936. Se percebermos com acuro esta linha histórica, veremos que o proletariado se reconstrói de tempos em tempos sempre em nível superior, sobretudo se acompanharmos os dias de junho de 48, os dois meses da Comuna de 17 e as várias décadas da Rússia pré socialista. Além disso, suas condições históricas e sociológicas (naquilo em que se manifesta tão só como mercadoria) são diversas: do isolado proletariado fabril e urbano (1830/1848) ao hegemónico numa só cidade (Paris) em 1871 até a vanguarda organizada de amplas massas populares na Rússia de 17. O círculo de abrangência da hegemonia, logo da ditadura do proletariado, sempre foi se ampliando historicamente. Assim também a profundidade de sua consciência de classe. Quando Engels escreveu, no encerramento do "Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã que a classe operária é herdeira

da filosofia clássica alemã", no máximo estava fazendo uma generosa premonição científica. Uma vitoriosa ditadura do proletariado, digamos na Comuna de Paris, em 17, não seria senão a ditadura do desenvolvimento das forças produtivas. Sem dúvida, este desenvolvimento com a hipotética vitória operária teria outro caráter que não o caráter capitalista burguês. Mas seria apenas isto. A classe operária europeia não era ainda em si "a encarnação universal do homem" (a frase está nos "Manuscritos") e nem a herdeira da filosofia da liberdade, "consciência da necessidade" (pois toda a filosofia clássica alemã se reduz ao concreto conceito de liberdade humana). Sem dúvida, o desenvolvimento das forças produtivas sob a ditadura do proletariado levaria a esta liberdade humana. É neste sentido que Engels estava cientificamente correto; e não foi apenas generoso. A ditadura do proletariado na Rússia deu um ciclópico salto para frente: foi a ditadura do desenvolvimento das forças produtivas e da luta científica e racional contra a lei do valor (a lei da mercadoria). O planejamento socialista (sobretudo nos dois primeiros planos quinquenais; já que o terceiro foi sabotado pela reação camponesa) é, até hoje, a maior contribuição para o avanço da História e da liberdade humana já produzida pelo próprio homem. O proletariado hoje chega ao seu momento histórico sem precisar intensificar o desenvolvimento das forças produtivas, basta permitir o próprio desenvolvimento inercial já começado e aprofundado, chega também com muito acervo científico sobre o Plano. Mas o mais importante: graças ao desenvolvimento do MPC conforme o previsto por Marx em "O Capital" - tudo é mercadoria - ele aparece como o próprio "universal do homem" e, portanto, concretamente como herdeiro da filosofia da Liberdade. Nunca a história preparou um ninho tão acolhedor para a revolução proletária. Mas o ninho exige duas coisas: o ovo e a galinha.

O ovo é a consciência de classe; a galinha, o Partido, que o põe e o choca. Se a galinha correr a chocar pedras, criará dentes sem ver nascer o pinto. Não é o que nós estamos tentando? Chocar as pedras ideológicas da burguesia? A primeira tarefa da galinha é permanecer viva. Em algum momento é preciso se fantasiar da arara para permanecer viva. Muito bem, mas que seja uma arara por fora e uma galinha por dentro. O cristianismo não fez por menos com o Exército romano; Constantino que o diga. Mas quando as raposas estão longe é preciso ser arara. Os partidos leninistas do mundo parecem ter cumprido bem esta primeira tarefa. Mas agora que as raposas estão brigando entre si é preciso cumprir, com a mesma eficácia, a segunda tarefa da galinha: por o ovo. Isto é: identificar, distinguir, diferenciar, o que é pedra infecunda de ovo fértil; as ideologias burguesas e a ciência do proletariado. Não foi isto que as "galinhas" Marx e Engels fizeram em 1844 até 1895? E a "galinha" Lênin repetiu com disciplina, rigor e apuro. A luta do proletariado só se transforma de luta espontânea, economicista e corporati va, em 1 uta política através da luta ideológica. Por isso se a primeira tarefa da galinha é sobreviver até fantasiada de arara; a segunda tarefa da galinha é cantar como a galinha, andar como galinha, estabandar o chão como galinha; ser galinha e parecer-se. Só assim, ela poderá cumprir sua terceira tarefa: chocar o ovo. Aliás, por e chocar são tarefas quase sem mediações, uma existe dentro da outra.

O ninho da História é acolhedor. Mas sem galinha (Partido) não há ovo (consciência de classe); nem com galinhas que chocam pedras. O que não é chocar pedras? Sem metáforas:

1. reconhecer que o processo histórico do proletariado é um autoconstruir-se cíclico (consciência de classe);
2. que cada ciclo da autoconstrução assume as experiências anteriores em nível superior;
3. que a História entrou, com o colapso final do MPC, em novo ciclo de construção (autoconstrução) do proletariado;
4. que neste ciclo, o proletariado (aqueles que só tem sua força de trabalho e esta é empregada ou não pelo capital) não só é a imensa maioria demográfica da humanidade mas aparece na História como "o universal do homem" ao qual se opõe a burguesia, cujos elementos são externos à espécie humana, concretamente: são não-homens;
5. que a construção do proletariado passa, necessariamente, pela luta política pelo seu Estado, a ditadura do proletariado;
6. que nas atuais circunstâncias históricas a ditadura do proletariado é o Estado popular;
7. que este Estado popular se constrói na luta contra o capital e seu Estado, criando-se instâncias estatais populares coexistentes e em conflito com as instâncias estatais do capital, o duplo poder;
8. que a coexistência e conflito destas instâncias estatais perpassam a sociedade civil e as instâncias formais do Estado do capital; o Parlamento, por exemplo, no qual a "bancada popular" deve se comportar como o anti-Parlamento ativo;
9. que só uma força política unitária socialista, com hegemonia leninista, poderá conduzir este processo de luta;
10. a luta popular, liderada pela consciência da classe operária (Partido), visa a ampliar e aprofundar a democracia na sociedade civil e no Estado do capital a que estas conquistas democráticas populares são nódulos concretos do Estado popular;
11. que a luta popular pode (e deve) articular nódulos produtivos pós-capitalistas, ainda quando há a dominação do MPC na formação social global;

12. estes nódulos do que se pode chamar de Modos de Produção pós-capitalistas são matrizes de luta económica e política do proletariado e bases concretas de seu novo Estado popular; é o caso das empresas estatais (nas quais a luta deve visar o seu controle pelos trabalhadores) e, em outro sentido, as ocupações produtivas rurais e urbanas;
13. que a luta do proletariado em sua atual fase de reconstrução é necessariamente internacional;
14. embora alguns países (Brasil, Estados Unidos, Índia, África do Sul) apresentam condições para "a construção do socialismo solitário"; no entanto, nesta eventualidade devem ser atendidos também como nódulos de Modos de Produção Pós-capitalista;
15. neste sentido devem ser encarados desde agora países como Cuba, Vietnã, China Popular;
16. que o sucesso do MPC e do imperialismo na luta contra o socialismo aconteceu na luta política e na luta ideológica e não por incapacidade económica (ou por precocidade histórica) do socialismo. A luta de classes, sem trégua alguma, do MPC e do imperialismo, contra a ditadura do proletariado teve sua fase militar (intervenções logo após a tomada do poder e invasão nazista em 1941) e sua fase mais intensa ideológica-política após a Guerra ("Guerra Fria");
17. que a interrupção da construção do socialismo na URSS ocorreu em 1936 e a restauração do capitalismo começou em 1956 (aparentemente mera sutileza histórica, esta datação tem importância estratégica, pois só a datação correta permite compreender "o que é a ditadura do proletariado" (construção do socialismo));
18. que a coerção de classe do Estado do capital ocorre hoje de forma muito mais eficaz não pela coerção física mas pela coerção ideológica, via mídia eletrônica. O que ressalta ainda mais a importância estratégica da luta ideológica, que já era estratégica nos tempos de Marx e de Lênin;
19. que na luta ideológica é preciso, sobretudo, mostrar as razões da "crítica da Economia Política". Em nome de que se critica o MPC? De sua incompetência económica como foi a crítica do feudalismo? De sua inviabilidade histórica, como o seria a do escravismo? O MPC, ao contrário, é exatamente eficaz para seus objetivos (produzir mercadorias) e absolutamente viável historicamente, pois realiza seu objetivo (produzir mercadorias) com irrepreensível perfeição. Então por que "a crítica da Economia Política" já que funciona e é historicamente viável? A "crítica" só pode ser exercida a partir de um parâmetro. Qual o parâmetro do Marx? O homem. É preciso recuperar a dimensão antropológica do marxismo original;
20. neste sentido é preciso recuperar revolucionariamente os "Manuscritos Económicos e Filosóficos" e "A Ideologia Alemã";
21. Considerar também que os "socialistas utópicos" ainda não deram a última palavra (uma releitura de Engels, "Do socialismo utópico ao socialismo científico", o confirma);
22. assim como na questão política e na questão do Estado popular (questão da Ética, sobretudo), os Jacobinos também ainda tem muito a oferecer;
23. o que significa que os leninistas devem buscar no Marx pré-científico, nos utópicos e nos jacobinos novas lições revolucionárias;
24. que se o proletariado representa "o universal humano", este universal humano se manifesta na luta ideológica pela defesa da razão;
25. a revolução passa por duas frentes: a popular e em defesa da razão.

Mais obras de Jefferson Barros.

